



Como se destrói um sonho?

Em defesa da EJA no
Estado do Paraná

Por
Déa Aguiar



O progresso fora de ordem



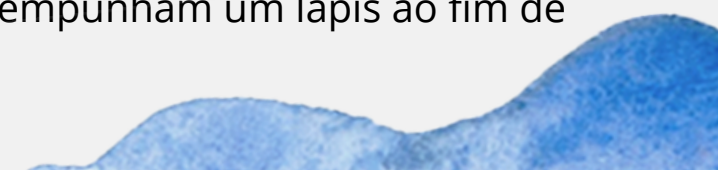
Há várias formas para aniquilar sonhos – uma palavra, uma ausência, uma **canetada**. Quem assina embaixo de uma ideia ruim está comprometendo-se com o fim de dias melhores, de sorrisos largos e de comida na mesa de quem já tem muito pouco.

Foi munida da minha caneta que saí de casa numa terça feira muito quente, a fim de lutar por sonhos que também são meus. Se palavras podem destruir, também podem defender – e **reconstruir**.

Que arma teria uma escritora, senão contar histórias e trazer à luz pessoas tratadas como números? Aos que, pelos homens engravatados, são considerados gastos desnecessários. Pois bem, trago a notícia que não deveria ser surpresa: são pessoas!

Biografias riquíssimas, emocionantes e **cheias de valor**. Pessoas que mantêm, em seus olhos cansados, o brilho de quem ainda acredita no progresso (que anda meio fora de ordem, é verdade).

Tive a honra de ouvir relatos que jamais sairão de dentro de mim e que agora partilho com cada um de vocês, na esperança de que unam-se a nós pela causa da **Educação de Jovens e Adultos** no Estado do Paraná, ameaçada através de um comunicado que foi assinado por alguém que jamais olhou para as mãos calejadas pelo trabalho pesado e que empunham um lápis ao fim de um longo dia.





Patrícia

Encontrei com Patrícia ainda no corredor da escola. Acompanhada por seu filho, um juvenzinho que mostrou-se **encantado** com a pintura na parede da biblioteca, não cansava de dizer o quanto sentia falta daquele lugar – dos professores, das vivências, do entrosamento entre os colegas.

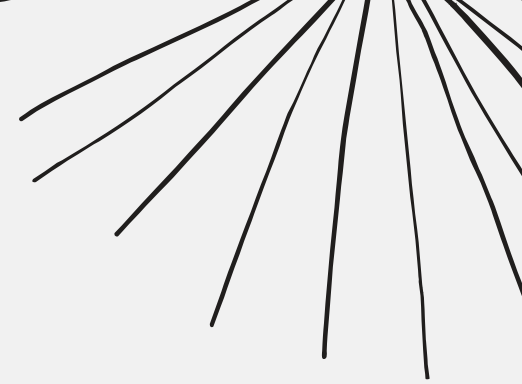
Estava tão **animada**, que fez questão de ser a primeira a falar e contou que formou-se há alguns meses. Uma realidade que não parecia possível para a menina que, abusada, viveu nas ruas - de onde saiu para cair em relacionamentos violentos.

Patrícia tornou-se mãe, o que a fez, pela primeira vez, pensar que precisaria aprender para poder ensinar. Para dar suporte às crianças que dela dependiam. No entanto, foi graças a uma **oportunidade** no trabalho que ela buscou concluir seus estudos.

Uma funcionária exemplar, **competente** - mas sem estudo o suficiente para crescer. Quando seu chefe propôs que ela voltasse à sala de aula para conseguir uma promoção, Patrícia não pensou duas vezes:

- Pode segurar a cadeira, que essa vaga é minha!

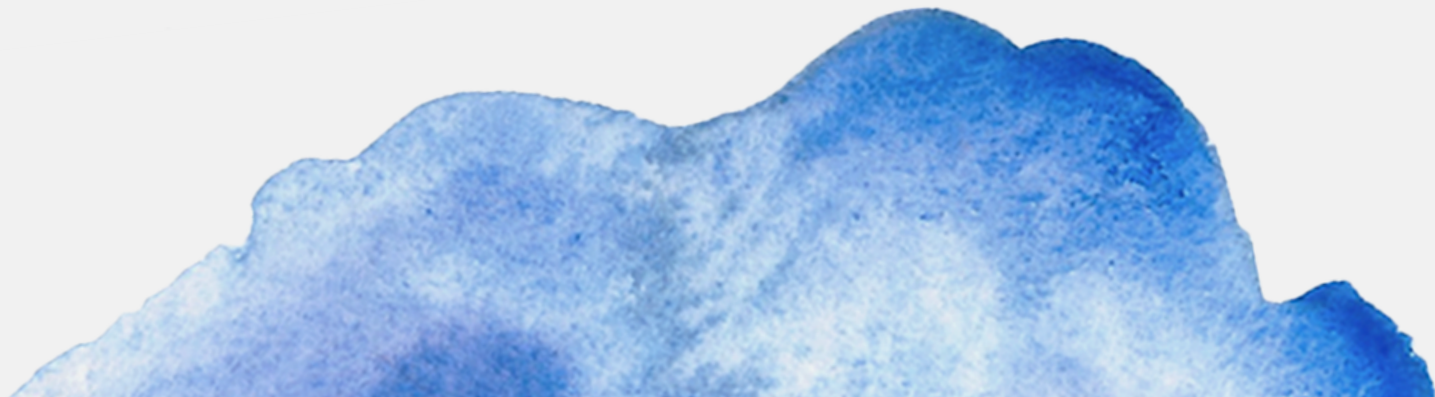
Não foi fácil. O cansaço, a rotina com os filhos, o conteúdo há tanto tempo deixado para trás... eram cargas pesadas! Cada um dos obstáculos foi **superado** com sorriso, força e sonhos.



Não havia o que pudesse parar Patrícia - aos quarenta anos, tendo passado pela amputação de um pé e finalmente entendido a fórmula de bháskara, **formou-se!** Pela primeira vez em nossa conversa, vi sua voz perder a firmeza de costume. Apesar de achar que não se emocionaria, quando pegou seu certificado de conclusão:

- Meu coração foi a milhão!

Eu precisava manter a mente focada para coletar todos os relatos e foi difícil conter as lágrimas que insistiam em saltar dos olhos. Patrícia, uma mulher que é feita de sonhos, resgatou em mim a **gana** necessária para lutar pelo que acreditamos.





Stefani

Também acompanhada pelo filho, estava Stefani. Uma jovem que, aos vinte e sete anos, leva seus pequenos, todas as noites, para assistir às aulas. O **cuidado** é um trabalho invisível e essa invisibilidade é cruel - quem cuida de quem está cuidando?

Após uma vida de muitas mudanças de escola, em que dividia-se entre os estudos e o cuidado com os irmãos mais novos, Stefani engravidou aos dezessete anos. Ela conseguiu manter a frequência na escola por um ano, mas acabou desistindo. Na sequência, engravidou novamente. Não é simples a equação quando se tem crianças pequenas sob sua **responsabilidade**.

Stefani é uma mulher engraçadíssima, de fala **segura** e que tem a postura de quem entendeu que não está neste mundo à toa. Por isso, quando começou a trabalhar e foi incentivada a retomar os estudos, não perdeu tempo.

No intervalo, janta com as crianças a merenda da escola. Enche suas barriguinhas com comida fresca e o **coração** com sonhos:

- Quero algo melhor para a vida.

Stefani quer cursar administração de empresas. Não tenho dúvidas de que ela é capaz. No entanto, a realização deste sonho depende da continuidade da oferta da EJA. O esforço existe, nos mostrando a falácia da **meritocracia** - a faculdade, uma casa confortável, comida na mesa das crianças... tudo isso em risco por uma vil canetada.



Rodrigo

Ao seu lado, estava um rapaz. De riso contido, estava retraído e não me parecia muito confortável em partilhar sua **história**. Rodrigo, um jovem de trinta e um anos, que aos dezesseis parou de estudar por envolver-se em crimes.

Em 2015, foi preso pela primeira vez e depois mais **quatro** vezes.

Rodrigo faz uma pausa. **Respira** fundo e olha para cada um de nós, reunidos na biblioteca:


- Não quero que pensem que tenho **orgulho** das coisas que fiz. Mas é essa a minha história.

Ele puxa a calça para cobrir a **tornozeleira** eletrônica. Conta que recebeu ajuda do pai e que não compreende o motivo das escolhas que fez.

Em 2021, durante o **cumprimento** da pena, Rodrigo fez o Encceja:

- Ser preso é ruim, mas ainda é uma **sorte**. Pois há os que morrem antes de serem presos. Eu não tinha garantias de que ficaria vivo numa próxima vez. Então decidi mudar.

Rodrigo, que sempre praticou esportes, tem uma rota traçada para sua nova vida - irá cursar Educação Física para trabalhar com o irmão, que está abrindo uma academia em Dublin.





Não imagino quanta **coragem** é preciso para olhar para um grupo de pessoas e contar esta história. Mas o fato é que Rodrigo já cumpriu sua pena. Pagou pelos crimes que cometeu e desfrutar de uma nova vida com dignidade, é seu direito. Não há dívida com a justiça ou com a sociedade. A ameaça agora vem do algoz, que quer roubar os sonhos de uma vida **refeita**.

Quando era uma estudante do Ensino Médio, no início dos anos 2000, escutava dos professores que 'se não estudar, vai pra EJA'. Estudar nesta modalidade era visto como um **castigo**, algo para perdedores.

Imagino que, para boa parte das pessoas, ainda haja esta ideia enraizada. Pessoas que não queriam nada com nada, que não souberam aproveitar enquanto podiam - frases prontas que sequer chegam perto da **realidade**.

Uma das pessoas que não estava presente nesta reunião, mas que faço questão de mencionar, é meu marido, **Lucas**. Um homem neurodivergente com diagnóstico tardio, expulso até do jardim de infância. Desacreditado por todos em sua adolescência, abandonou os estudos - ou foi abandonado pelos que deveriam acolher?







Com toneladas de culpa em suas costas, foi trabalhar, já que considerava-se burro para estudar. As palavras das provas embaralhavam-se, nada parecia compreensível e o mal estar era indescritível. Não era preguiça, nem burrice. Era falta de **suporte**.

Lucas é um artista. Ilustrador **talentoso**, criativo. Professor de desenho, ensina seus alunos a acreditarem em si. Lucas é tudo isso e só concluiu o Ensino Fundamental e Médio por haver a oportunidade da EJA.

Ao contrário do que habita o senso comum e as mentes dos homens engravatados, protegidos em seus escritórios refrigerados, a EJA não é para perdedores - é onde pessoas são respeitadas pelo que são e pelo que sonham. Onde histórias ganham novos capítulos e **vidas são transformadas**.

Aliás, para alguém como eu, que milita pela **diversidade**, devo dizer que poucas vezes me senti tão acolhida e segura - senti como se estivesse entre pessoas que compreendem o que é a existência à margem.





Douglas

E foi exatamente por este motivo que Douglas, um rapaz com seus dezesseis anos, decidiu frequentar o **ensino noturno**. Ele poderia estar com pessoas da sua idade? Poderia. No entanto, a idade seria a única coisa em comum - Douglas é uma pessoa com deficiência.

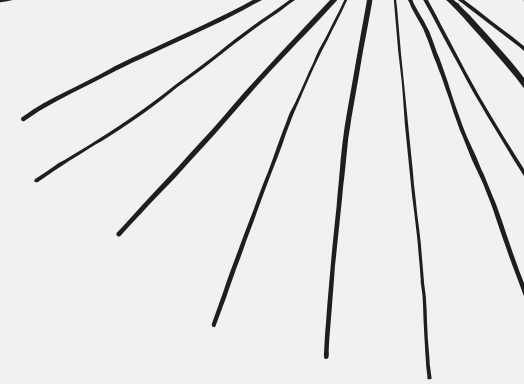
Ele passou muito tempo numa escola especial, mais tempo do que deveria - seu corpo é muito diferente da maioria dos corpos que andam por aí. E como sabemos que acontece, pessoas que fogem à norma, não costumam ser consideradas sujeitos com **direitos**.

Quando, finalmente, notaram que seu intelecto é superior ao dos seus pares, o colocaram na escola regular. O que não foi exatamente um alívio, uma vez que a crueldade da falta de **acessibilidade**, dos olhares e das falas **capacitistas** o constrangeu ao ponto de querer desistir.

Foram seis meses de afastamento da escola. Douglas conhece de perto a dor da **exclusão**. A dor do ter que justificar sua existência e de tê-la questionada.

Com uma fala **elegante** e imensos olhos verdes, que lembram os do meu filho, ele me contou sobre como sente-se frequentando a EJA:

- **Aqui sou respeitado. Aqui ninguém me enxerga como esquisito.**



Um burburinho tomou conta da sala - eram os colegas de Douglas falando sobre como ele é inteligente, **querido** e que destaca-se em tudo o que faz.

Ser uma pessoa com deficiência não é simples. Não bastassem os desafios que nossa própria condição oferece, é preciso lutar, absolutamente todos os dias, contra toda uma estrutura excludente. Compartilhei com ele sobre o que enfrentamos sendo uma família atípica e sobre a vontade de desistir que aparece quando os muros ficam altos demais para que enxerguemos a **esperança**.

Mas é preciso ocupar os espaços. É preciso **resistir** ao descaso de quem não imagina do que somos capazes.





Damaris

Resistência, inclusive, é uma palavra que pode definir Damaris, que aos cinquenta e quatro anos já sofreu três AVC's e um câncer de tireóide. Ela é uma das ex-alunas, **formada** também em julho deste ano.

Damaris não aceita o roteiro que entregaram a ela - escreve seu próprio caminho, contraria expectativas, **surpreende!** Aos doze anos, fez sua primeira tentativa de fugir de casa. Criada por tios, por causa do frágil estado de saúde de sua mãe, começou a trabalhar aos dezesseis anos.

Aos vinte e um anos, engravidou e viu-se sozinha - o pai do bebê não queria o filho. Encarou a maternidade solo, até engravidar novamente. Seguiu firme, **trabalhando muito**, educando seus filhos e batalhando para oferecer a eles uma vida digna.

Damaris amava seu trabalho! Funcionária de um laboratório de manipulação de medicamentos fitoterápicos, lembra-se com detalhes (e **saudade!**) de cada parte de sua função, deixada para cuidar da mãe, que piorava a cada dia.

Foi um período muito duro, com a mãe em coma, na UTI. Após uma noite agitadíssima e **desconfortável**, Damaris adormeceu na cadeira ao lado da cama, sendo acordada momentos depois pela enfermeira que informava que 'a vó descansou'.

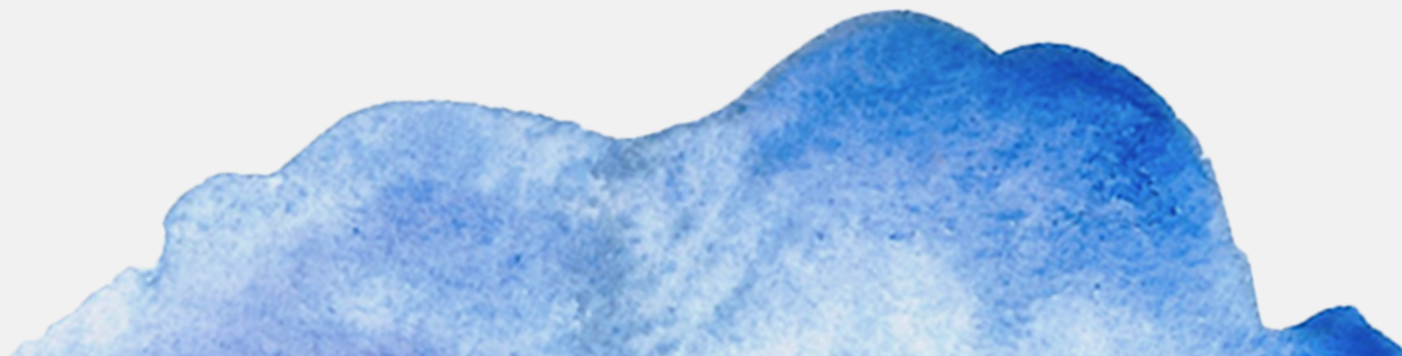


Levou um tempo para que Damaris compreendesse que o descanso era a morte. Ali, ao seu lado, após tanto tempo e cuidado, sua mãe partiu. E a mulher forte e determinada, foi **abalada** pelo trauma de uma perda.

Os médicos não queriam que Damaris voltasse para a escola. Mas após o falecimento da mãe, após tanta dor, somente um **novo caminho** poderia salvá-la.

Nosso encontro ocorreu dois dias após o ENEM. E ela contou sobre a ansiedade, sobre não ter dormido na noite anterior à prova. Sobre a **imensa** rede de pessoas que torcem por ela.

Se aos doze anos ela tentou fugir de casa, hoje foge de todas as falas sem sentido, que tentam aprisionar este **espírito livre e grande demais** para caber em laudos médicos e em uma vida muito curta.





Gabriel

A vida é feita de escolhas? Quando necessidades básicas de um ser humano não são atendidas, nada do que se faz é uma **escolha**.

O nome que se dá quando se deve decidir entre trabalhar e estudar é **sobrevivência**. E foi neste contexto que Gabriel deixou de estudar.

Gabriel é um rapaz de vinte anos de idade. Recatado, com **olhos doces**, contou que voltou a estudar por incentivo dos amigos. Do avô, ouvia:

- Esse piá não vai ser nada!

Ser desprezado por quem deveria **amar**, também não é uma escolha.

Ao desligar-se do emprego que o impedia de estudar, Gabriel viu-se sob pressão. Durante uma aula, não suportou e saiu da sala, **chorando**.

Encontrou o acolhimento ali, no corredor da escola pública, **no abraço da diretora** que o acolheu e confortou.



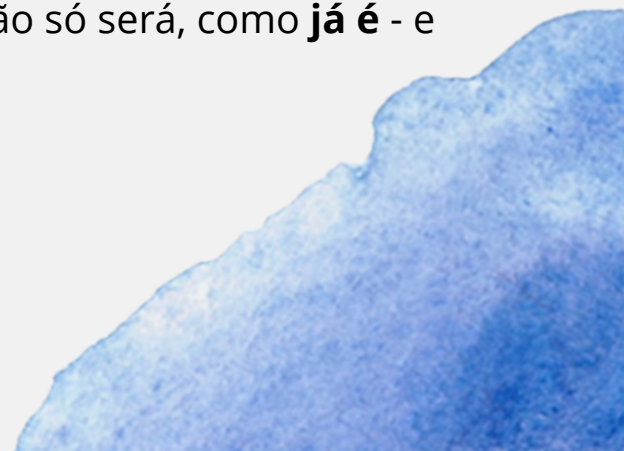
Me reconheci ao escutá-lo. É muito difícil ser uma pessoa com a mente agitada e o peito cheio de sentimentos. Assim como eu, Gabriel **encontrou nas palavras** uma forma de encarar a vida, nem sempre gentil.

Poeta, escreve sobre o amor que existe apesar da dor. Sobre não haver arrependimentos num caminho bem vivido e **gratidão** pelos encontros bem vindos.

Hoje, Gabriel **observa as possibilidades** que a vida oferece. Busca conhecer a si, descobrir do que gosta. Apesar da pouca idade, sabe bem:

- Já passei por muita coisa, vou passar por isso também.

Ao contrário do que ouviu, sobre um futuro cheio de nada, Gabriel não só será, como **já é** - e muito!





Larissa

É interessante como costumamos atribuir às pessoas **expectativas** e não consideramos se fazem sentido para elas. Que faculdade você irá fazer? Que profissão terá? O que fará no seu futuro?

Perguntamos tudo isso como se o **presente** não valesse nada e, pior - medimos o valor de uma pessoa de acordo com a riqueza que é capaz de gerar. Como se fôssemos todos robôs numa linha de produção.

O 'agora' importa e foi isso o que aprendi com Larissa. Aos vinte e um anos, esta moça com voz de veludo e um delicioso sotaque catarinense, tem uma **história que impressiona** - engravidou aos quatorze anos e tornou-se viúva aos dezesseis.

Há quatro anos em Curitiba, fez o que qualquer mãe faria: buscou emprego para poder oferecer ao filho o que ele precisa. No entanto, sem sequer concluir o ensino fundamental, Larissa só encontrou portas fechadas e uma certeza - **era preciso voltar para a escola**.

Quando o filho passou a trazer lição de casa a urgência se fez real, pois ela precisava ajudá-lo. Larissa, ao contrário de muitos jovens, recebe **apoio** de sua família, que cuida do filho enquanto ela estuda.

E a despeito da pressão que fazemos sobre 'ser alguém na vida', Larissa segue descobrindo a si mesma, vivenciando experiências típicas da juventude, enquanto **investe no presente e sonha com um futuro** - que está sob o risco de ser bastante dificultado pelas decisões daqueles que não sabem muito sobre a dureza da vida.



Suzana

A maternidade pode ser uma experiência maravilhosa, mas a forma como o mundo trata as mães é cruel. Quando a gravidez vem cedo, a tendência à **invisibilidade** aumenta - e muito. Suzana conhece bem esta verdade - a maternidade precoce em um local em que o acesso ao estudo é dificultado.

Angolana, Suzana conta que em sua terra natal a educação é para os que podem pagar, o que não era seu caso. Existe educação pública, mas é escassa e não há leis que garantam às crianças e jovens o acesso a um **direito que deveria ser universal**.

Já no Brasil, Suzana fez tentativas de retomar os estudos. No entanto, sendo funcionária de um abatedouro, entrava no trabalho às quatro da manhã para uma jornada longa e pesada - era **humanamente** impossível resistir às horas de aulas no fim do dia.

Com sua fala mansa, a mulher de pele retinta e olhos vívidos, me conta que gostaria de ser **enfermeira**, mas teme que a matemática a impeça - descobrimos um obstáculo comum.

Suzana tem trinta e sete anos. Tem também **força e doçura**. Enquanto a ouvia falar, meu coração ia ficando apertado, imaginando o que seria de tudo isso caso não pudesse mais estudar. Respiro fundo e torço para que seus sonhos não terminem no abatedouro.



José Alfredo

Não foi somente Suzana quem escolheu o Brasil para viver. A **pobreza** marcou a história do argentino, filho de mãe brasileira, José Alfredo, que veio definitivamente para cá em 1984.

Cabeleireiro, exerce a profissão desde 1998. Conta que perdeu muitas oportunidades por causa dos estudos incompletos e que as pessoas ficavam chocadas com sua **desenvoltura**.

É fato: não esperamos que pessoas 'menos instruídas' sejam interessantes ou inteligentes. Nos surpreende, enquanto sociedade, que alguém que não concluiu o ensino básico saiba expressar-se ou tenha qualquer tipo de **sucesso**.

Nas veias de José Alfredo, corre sangue quente, **apaixonado** pelo Brasil. A emoção que sente ao falar sobre a possibilidade do encerramento da EJA transparece em sua voz, que altera-se, indignada:

- Como podem fazer isso com a gente? Como podem nos tratar como números? Somos pessoas!

A pandemia foi um grande golpe para profissionais como ele. Impedido de trabalhar, passou a **questionar** se sua vida se resumiria a ser cabeleireiro. Era preciso uma grande mudança em sua cabeça, desta vez não com tesouras, mas com educação!



José Alfredo buscou informações e **não desistiu** até conseguir fazer a prova de equivalência - tirou uma foto deste momento, inclusive.

Quando menino, vivia com medo de apanhar e era sobrecarregado com responsabilidades que jamais deveriam ser impostas a uma criança. E é olhando para este passado, que ele busca **aliviar as dores** de quem também vive a realidade que muitas pessoas esquecem de olhar - corta cabelos de graça, na comunidade no Caximba.

Hoje o medo não faz mais parte da sua vida, mas isso não significa que esteja acomodado - José Alfredo é do tipo de pessoa que compromete-se, fala o que precisa ser dito e que está sempre com **a mão estendida a quem precisar**.





Ângela

Nunca é tarde para dar o primeiro passo em direção ao que sonhamos. Prova disso, é a presença de Ângela, uma mulher que, aos cinquenta e nove anos, retomou seus estudos. Após mais de **trinta anos** afastada das salas de aula, Ângela foi incentivada pela nora a estudar.

Ela achava que estava velha demais, tinha **medo** de não conseguir aprender. Mas sua nora insistiu e foi com ela para fazer a matrícula. Para sua surpresa, as aulas começariam no mesmo dia. Ela pensou em adiar o início, mas isso não aconteceu. Ao chegar em casa para pegar o material, apenas informou sua família:

- Se virem com a janta, que estou indo para a aula!

E foi! E desejo que possa continuar a ir - ela não possui nenhum dos impedimentos comuns a uma mulher. Seu marido, um homem de oitenta e sete anos, a apoia incondicionalmente. Ângela já sonha com a faculdade e compreendeu que **é mais capaz** do que poderia imaginar!

Reconstrução

Ouvi e contei aqui dez histórias. São dez, das **inúmeras vidas** ameaçadas por um projeto ardiloso que destrói oportunidades e sonhos.

A escola é pública e deve seguir servindo à comunidade, que tem sede por **conhecimento e evolução**. Que batalha por dias melhores e cujo suor faz girar a máquina explorada pelos homens eleitos.

Sou filha de professora. Minha mãe concluiu a faculdade no dia em que minha filha completava um ano. Ela não parou, apesar dos obstáculos, que foram muitos. Meu avô paterno, um baiano que fugiu de casa aos dez anos, nunca conseguiu estudar como gostaria, mas foi dele que **herdei o dom da escrita**.

Porteiro no Ministério da Educação e Cultura, em Brasília, onde criou seis filhos. Um homem sem estudo, com a sabedoria da vida e que conhecia muito bem a importância da escola para a formação de pessoas **verdadeiramente livres** - ele escrevia crônicas para jornais da época.





Durante minha vida escolar, foram incontáveis os recreios que passei na biblioteca, **escondida** das pessoas, protegida pelos livros. Em nossa reunião, feita na biblioteca, revisei a menina que fui - mas desta vez, **não queremos nos esconder!**

Queremos mostrar **nomes, caras e vozes**. Queremos contar que cada sonho importa e que não iremos desistir de ninguém. Se, para os poderosos, os estudantes da EJA são números, é com orgulho que informo: números não sonham, não lutam. Nós, sim.

Se de um lado nos atacam com ofícios, do outro, cá estou - resistindo com a arma que tenho, **contando as histórias daqueles que merecem destaque**.

Se de um lado eles sabem como destruir sonhos, cá estamos - **sabemos reconstruí-los**.





Déa Aguiar é escritora e profissional da humanização em saúde. Autista, mãe atípica da Maria Luiza, da Sofia e do Caio.

Acredita que a educação e a arte são ferramentas poderosíssimas para combater os abusos da ignorância.

Autora deste projeto, que é um trabalho voluntário, entrevistou alunos da EJA do Colégio Estadual Maria Montessori, na cidade de Curitiba, Paraná.

Colocou a arte em favor da educação, na esperança de que sonhos não sejam ceifados.

Este material é dedicado a todos os profissionais da educação que seguem firmes, apesar dos golpes.

@adonadea